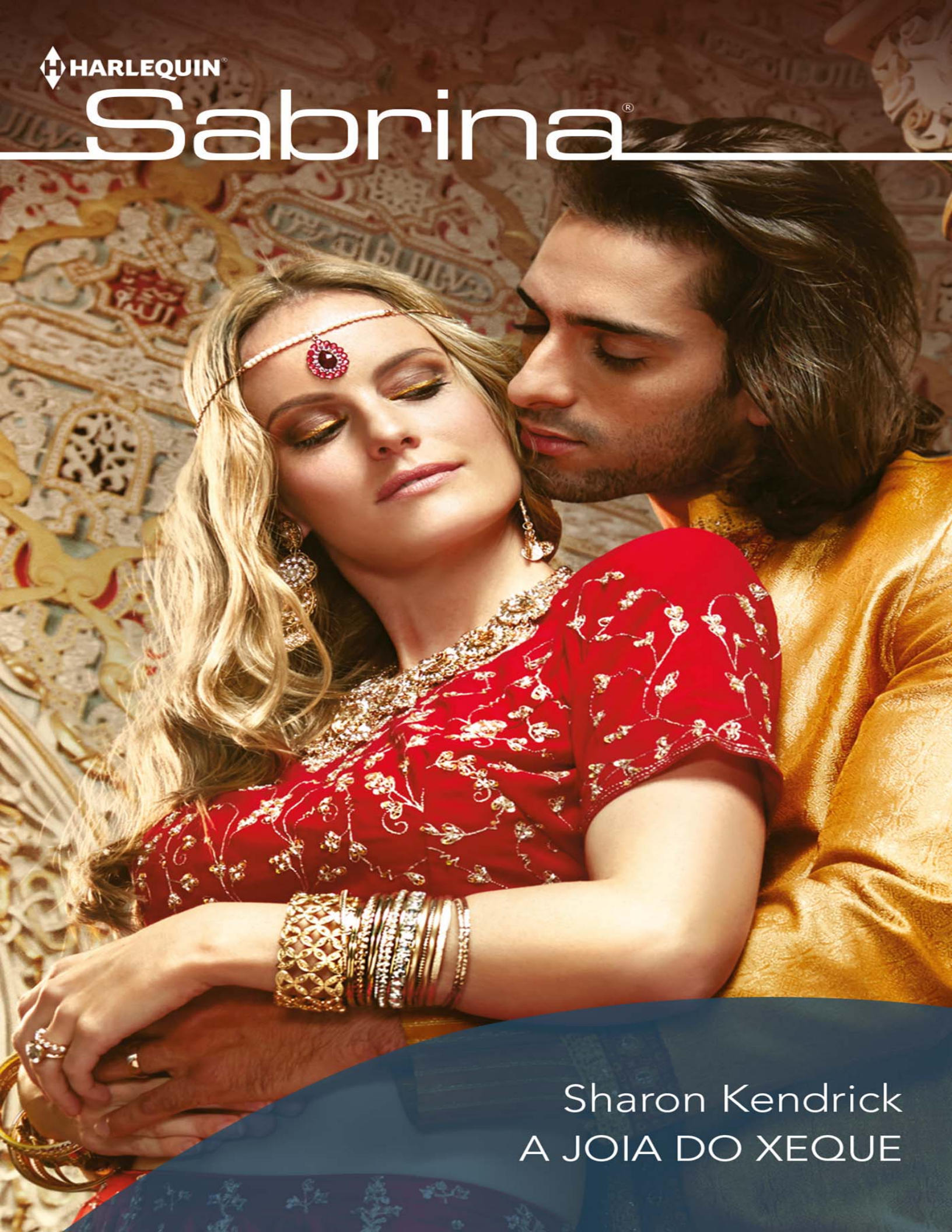


HARLEQUIN[®]

Sabrina[®]



Sharon Kendrick
A JOIA DO XEQUE

Sabrina®

A JOIA DO XEQUE

Sharon Kendrick



Editado por Harlequin Ibérica.
Uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2017 Sharon Kendrick
© 2019 Harlequin Ibérica, uma divisão de HarperCollins Ibérica, S.A.
A joia do xeque, n.º 1826 - junho 2020
Título original: The Sheikh's Bought Wife
Publicado originalmente por Harlequin Enterprises, Ltd

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor, incluindo os de reprodução, total ou parcial.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Books S.A.
Esta é uma obra de ficção. Nomes, caracteres, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos de negócios (comerciais), feitos ou situações são pura coincidência.

® Harlequin, Sabrina e logótipo Harlequin são marcas registadas propriedades de Harlequin Enterprises Limited.

® e ™ são marcas registadas por Harlequin Enterprises Limited e suas filiais, utilizadas com licença.

As marcas em que aparece ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

Imagem de portada utilizada com a permissão de Harlequin Enterprises Limited.

Todos os direitos estão reservados.

I.S.B.N.: 978-84-1348-284-2

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Epílogo](#)

[Se gostou deste livro...](#)

Prólogo

- Muito bem e qual é o truque?

Zayed detetou uma certa inquietação nos seus conselheiros quando fez essa pergunta. Estavam nervosos, era evidente. Mais nervosos do que o habitual na presença de um xeque tão poderoso e influente como ele. Embora isso não o incomodasse. Antes pelo contrário, achava-o muito prático. A deferência e o medo mantinham todos à distância e isso era o que esperava deles.

De costas para a janela, à frente dos jardins magníficos do seu palácio, estudou os homens que estavam à frente dele. A expressão inocente no rosto do seu assistente, Hassan, não o enganava.

- Truque, Majestade? - perguntou.

- Sim, truque - repetiu ele, num tom impaciente. - O meu avô materno morreu e acabei de descobrir que me deixou, no seu testamento, as terras mais valiosas da região. Herdar Dahabi Makaan era algo com que nunca teria sonhado. - Zayed franziu o sobrolho. - E é por isso que me questiono o que causou uma generosidade tão inesperada.

Hassan fez uma reverência leve.

- Era um dos seus poucos parentes vivos e, portanto, é natural que lhe tenha deixado essa herança.

- O meu avô não falava comigo desde que era um menino de sete anos.

- Mas a sua visita, quando estava no leito de morte, deve tê-lo emocionado. Era uma visita que, certamente, não

tinha antecipado - insistiu Hassan, diplomaticamente. - Talvez essa seja a razão.

Zayed cerrou os dentes. Talvez, mas a visita não fora inspirada por amor, já que o amor desaparecera do seu coração há muito tempo. Fora visitá-lo porque era o seu dever e ele nunca se afastava dos seus deveres. Fora, apesar da dor que lhe causava fazê-lo. E sim, fora estranho ver o rosto devastado pelo tempo do velho rei, que deserdera a única filha quando se casara com o pai de Zayed. Contudo, a morte tornava todos iguais, pensara, amargamente, quando apertara a mão dele com os dedos retorcidos. Era o monstro de que ninguém podia fugir. Fizera as pazes com o avô moribundo porque suspeitava que a mãe teria gostado, não porque procurava uma recompensa económica.

- Ninguém dá nada neste mundo, mas talvez esta seja a exceção. - Os olhos de Zayed fixaram-se nos seus conselheiros. - Estão a dizer-me que essas terras serão minhas, sem condições?

Hassan hesitou por um instante.

- Não é bem assim - replicou, finalmente.

Zayed assentiu com a cabeça. O seu instinto não lhe falhara.

- De modo que há um truque - declarou, num tom de triunfo.

- Suspeito que o veja como tal, senhor, porque, para herdar Dahabi Makaan, tem de... - O homem passou a língua pelos lábios num gesto de nervosismo. - Tem de se casar.

- Casar? - repetiu Zayed, num tom tão ameaçador que os conselheiros se entreolharam com ansiedade.

- Sim, senhor.

- Todos sabem o que penso do casamento.

- É claro, senhor.

- Mas, para que não haja mal-entendidos, repetirei: Não tenho o menor desejo de me casar em muitos anos. Porque

haveria de me comprometer com uma mulher quando posso desfrutar de vinte?

Zayed esboçou um sorriso ao recordar como a sua amante de Nova Iorque o recebia. Deitada nos lençóis de cetim, com um bódi preto justo, as coxas sedosas abertas num gesto de boas-vindas...

Teve de pigarrear, tentando conter a reação inevitável do seu corpo.

- Aceito que, algum dia, terei de me casar para dar um herdeiro ao reino, mas só o farei nessa altura... Com uma virgem pura de Kafalah. Um momento que demorará décadas a chegar porque um homem pode procriar até aos setenta anos, até mesmo aos oitenta. E como, nos nossos dias, as mulheres desfrutam de um amante experiente, será um acordo satisfatório para todos.

Hassan assentiu novamente.

- Entendo o seu raciocínio, senhor e, noutras circunstâncias, estaria de acordo. Mas essas terras são fundamentais para Kafalah porque são ricas em petróleo e têm uma importância estratégica enorme. Pense em como o nosso povo beneficiaria se fossem nossas.

Zayed fez um ar de indignação. Não estava sempre a pensar no seu povo e a fazer o que era melhor para ele? Não era famoso pela dedicação ao seu povo e pela sua determinação em manter a paz? E, no entanto, as palavras de Hassan eram verdadeiras. Dahabi Makaan seria, sem dúvida, a joia da coroa. Podia realmente virar as costas a tal proposta? Recordava o avô moribundo a suplicar-lhe que não demorasse muito a ter um herdeiro...

Quando lhe recordara que não tinha intenção de se casar, o rosto do idoso toldara-se. O velho rei teria decidido que a única forma de conseguir o que queria era forçá-lo ao casamento, pondo-o como condição no seu testamento?

Mas o casamento horrorizava-o. Não queria saber nada dos seus tentáculos insidiosos, que podiam prender um homem de tantos modos. Odiava-o por razões que não

tinham a ver com uma libido que exigia variedade. Odiava o casamento, com todos os seus defeitos e as suas promessas falsas, e a ideia de se casar para herdar era algo que o repugnava.

A menos que...

Zayed começou a pensar numa ideia. Porque só um parvo rejeitaria a oportunidade de governar uma região rica em petróleo, situada numa posição estratégica entre quatro reinos do deserto.

- Talvez haja uma forma de cumprir essa condição sem me prender ao tédio e aos inconvenientes de um casamento.

- Conhece uma forma, senhor? - inquiriu Hassan. - Por favor, diga-nos.

- Se o casamento não fosse consumado, seria legal e, como tal, poderia ser dissolvido. Não é assim?

- Mas, senhor...

- Não há «mas» - interrompeu Zayed, impaciente. - Gosto cada vez mais da ideia - acrescentou, embora conseguisse ver a dúvida no rosto dos seus conselheiros e entendesse porquê. Ele era um homem conhecido pela sua virilidade que precisava do alívio do sexo como os outros precisavam exercício. Portanto, a ideia de conseguir tolerar um casamento sem sexo era risível. Sim, haveria obstáculos numa união casta, mas ele era um homem habituado a superar obstáculos e, enquanto olhava para o rosto sério de Hassan, teve uma ideia brilhante.

- E se escolhesse uma mulher que não me tentasse? Uma mulher feia e pouco feminina. Uma mulher que olhasse para o outro lado quando eu saísse para me divertir. Essa poderia ser uma solução.

- Conhece uma mulher assim, senhor?

Zayed cerrou os dentes. Sim, conhecia uma mulher assim. Jane Smith, com o seu coque apertado e essa roupa cinzenta que escondia a sua figura, seria perfeita. Sim, certamente. A académica séria e aborrecida que estava a

cargo dos arquivos da embaixada em Londres não só era feia, como também era imune aos seus encantos. Nem sequer gostava dele, algo que percebera com incredulidade. Ao princípio, pensara que era uma forma de seduzir, que fingia indiferença para despertar o seu interesse. Como se ele pudesse estar interessado numa mulher como ela. Porém, descobrira que o desagrado era verdadeiro quando ouvira alguém a mencionar o seu nome e a vira a revirar os olhos. Que insolente.

Mas Jane amava Kafalah com uma paixão que era rara num estrangeiro e conhecia melhor o país do que muitos nativos, por isso não a despedira. Adorava o deserto, os palácios e a sua história rica e, às vezes, sangrenta. O coração de Zayed apertou-se por um instante.

Era uma dor que nunca sarara, por muito que tentasse esquecer. Aceitar a condição do avô e herdar Dahabi Makaan aliviaria a sua tristeza? Conseguiria esquecer o passado e olhar para a frente, para o futuro?

- Prepara o jato, Hassan! - ordenou. - Irei a Inglaterra para me casar com a desgraçada da Jane Smith.

Capítulo 1

O dia começara mal para Jane e estava a piorar. Primeiro, uma chamada telefónica, uma chamada sinistra e perturbadora que a deixara horrorizada. Depois, o comboio tivera uma avaria e, quando chegara à embaixada de Kafalah, fora recebida com expressões de pânico.

E a notícia que a esperava fez com que sentisse um aperto no coração: O xeque Zayed az-Zawba decidira fazer uma visita inesperada e chegaria dentro de algumas horas.

Zayed era um homem orgulhoso e exigente e o embaixador não parava de dar instruções nervosas enquanto as secretárias sorriam, esperando ansiosamente a chegada do rei do deserto. O xeque era conhecido pela sua beleza arrogante e formidável, que atraía as mulheres invariavelmente, mas, quando soube da sua chegada, Jane fechou a porta do escritório com força porque não lhe parecia irresistível. Não importava que fosse um génio nos negócios ou que estivesse a construir escolas e hospitais no seu país.

Odiava-o.

Odiava os seus olhos pretos, que brilhavam como se estivesse em posse de algum segredo. Odiava como as mulheres reagiam com ele, babando-se como se fosse um deus. Um deus do sexo, ouvira dizer.

Jane engoliu em seco. Porque era o que mais odiava. Não ser imune à beleza inegável do xeque, embora representasse tudo o que ela detestava, com as suas

legiões de amantes e o seu desprezo pelos sentimentos do sexo oposto. Sim, sabia que tivera uma infância terrível, mas isso não lhe dava carta-branca para se comportar como lhe apetecia. Durante quanto tempo podia perdoar-se alguém pelo seu passado?

Pendurou o casaco no armário, pôs a blusa dentro da saia e sentou-se à frente da secretária. Pelo menos no seu escritório, na cave da embaixada, estava longe da emoção do andar de cima e dos preparativos para a chegada do xeque. Com um pouco de sorte, conseguiria continuar escondida e nem sequer o ver.

Quando ligou o seu computador e, no ecrã, apareceu o palácio famoso de Kafalah, Jane não estava a olhar para ele. Por uma vez, não reparou nas torres azuis bonitas, pois só conseguia pensar na chamada que recebera bem cedo de manhã e no tom ameaçador do estranho. Não era a primeira vez que ligava, mas o seu tom tornara-se hostil e, naquela manhã, fora direto ao assunto.

- A tua irmã deve muito dinheiro e alguém tem de o pagar. E vais ser tu, querida? Porque estou a impacientarme.

Sentia vontade de apoiar a cabeça na secretária e começar a chorar, mas não se dava ao luxo de derramar lágrimas. Chorar era uma perda de tempo porque ela era Jane e conseguia aguentar tudo. Jane, a quem todos pediam ajuda quando tinham problemas.

Suspirando, ligou à irmã, mas foi para o correio de voz.

- Olá, ligou para a Cleo. Se deixar uma mensagem, talvez lhe telefone. Claro que talvez não o faça.

Jane respirou fundo e tentou acalmar-se, embora fosse difícil respirar.

- Tenho de falar contigo o mais depressa possível. Por favor, liga-me assim que ouvires esta mensagem.

Não tinha muitas esperanças de que retribuísse a chamada. Cleo fazia o que queria e, ultimamente, não parecia ter barreiras. Partilhavam o mesmo aniversário,

mas era a única coisa que tinham em comum como gêmeas. Jane gostava da segurança e do estímulo dos livros enquanto Cleo gostava de dançar durante toda a noite. Jane vestia-se de forma confortável e Cleo, para se destacar. Cleo era muito bonita e ela não era.

A irmã não conseguia financiar o seu estilo de vida com o pouco dinheiro que ganhava. Se não fosse assim, porque é que aquele estranho lhe falava de uma dívida? E como conseguira o seu número de telefone? Decidiu voltar a ligar-lhe depois do trabalho. Até iria visitá-la para a convencer a falar com aquele homem e a resolver o problema.

Tentou esquecer os problemas da irmã e concentrou-se no trabalho. Essa era uma das coisas de que mais gostava no mundo académico, especializado no reino de Kafalah. Podia esquecer tudo e viajar mentalmente para uma terra rica em cultura e história. Podia perder-se no passado. Que melhor maneira de passar o dia do que a catalogar livros e a organizar exposições das obras de arte fabulosas desse país? Era muito mais satisfatório do que o mundo moderno, com o qual ela não parecia ter ligação.

Estava tão concentrada na tradução de um poema amoroso antigo, lutando para encontrar a palavra apropriada para um ato decididamente erótico, que não se incomodou em levantar a cabeça quando alguém abriu a porta do escritório.

- Agora não - disse. - Volta mais tarde.

Houve um instante de silêncio total e, depois, ouviu uma voz masculina aveludada:

- No meu país, não se toleraria tal resposta com a chegada de um xeque. Consideras-te tão especial que podes rejeitar-me, Jane Smith?

Jane levantou o olhar, horrorizada ao ver Zayed az-Zawba a fechar a porta do seu escritório, prendendo-os no espaço pequeno.